

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: (RE) DESCOBRINDO CONCEITOS.

Sérgio Gonçalves Ramalho

RESUMO

O presente texto, visando contribuir para o trabalho de professores da Educação Básica, tece breves considerações sobre possíveis implicações do letramento na alfabetização, como busca, também, uma tentativa de desfazer equívocos sobre tais conceitos, pautadas na análise bibliográfica de autores renomados, como Magda Soares, Ângela Kleiman, Roxane Rojo, Maria de Lourdes Matêncio e Luiz Antônio Marcuschi (entre outros), sobre o assunto. Para tanto, será (re)descoberto e comentado, sucintamente, conceitos de alfabetização e de letramento, e a sua importância para o ensino-aprendizagem. Além de tratar sobre definições de Letramento e Alfabetização, este trabalho busca discorrer sobre outro tipo de letramento: o literário, enfatizando a sua importância no universo de letramentos. Para ilustrar a relevância do letramento literário, é utilizado no texto o gênero textual literário Poema, mas precisamente o poema de Cordel. O texto não se propõe a oferecer soluções sobre questões referenciadas ao tema em questão, apenas tenta enriquecer essa temática, a partir da compreensão de conhecimentos teóricos dos autores retro-citados.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Ensino-aprendizagem. Letramento literário.

ABSTRACT

The current text, aiming to contribute to the work of teachers in basic education, makes brief considerations about possible implications of literacy in alphabetization, as a quest, it is also an attempt to correct mistakes about these concepts, and guided by the bibliography review of renowned authors such as Magda Soares, Angela Kleiman, RoxaneRojo, Maria de Lourdes Matêncio and Luiz Antonio Marcuschi (among others) about the subject. Therefore, concepts of alphabetization and literacy and their importance in teaching and learning will be discovered and briefly commented. Besides dealing with definitions of literacy and alphabetization, this work seeks to discuss another type of literacy: the literacy, emphasizing the importance in the universe of literacy. To illustrate the relevance of literary literacy, it is used in the text the textual literary genre Poem, but precisely the Cordel Poem. The text is not intended to provide solutions on referred issues to the subject in examination, it just tries to enrich this theme, from the understanding of theoretical knowledge of the above mentioned authors.

Key-words: Alphabetization. Literacy. Teaching-learning. Literary literacy.

INTRODUÇÃO

A dinamização presente na descoberta do que seja, realmente, alfabetização e letramento, enquanto temas que suscitam, muitas vezes, certa incompreensão e confusão na mente de leitores que não têm, pouca ou nenhuma, aproximação aos estudos mais

consistentes na elucidação desses termos, será percebida nas colocações, algumas sucintas, outras nem tanto, no decorrer deste trabalho.

Não tentaremos, aqui, por força do limite expositivo do presente trabalho, exibir provas definitivas sobre a conceituação desses elementos: a alfabetização e o letramento; mas, tentar buscar uma aproximação às

terminologias, aos conceitos, ancorada nos aportes de renomados especialistas, mestres e doutores, no trato desses conceitos e sua extrema relevância para a prática de ensino-aprendizagem.

Inicialmente, serão abordados conceitos sobre a questão do termo alfabetização, a partir de rápida passagem sobre a questão do letramento, no sentido de descobirmos, desde o início, a imbricação social existente entre ambos os conceitos.

Em seguida, chegaremos aos aportes conceituais sobre o que é mesmo o letramento e suas reais consequências para o ser humano e a sociedade. E, por fim, pontuaremos o letramento literário como um tipo de letramento elegido para exemplificarmos, a partir do gênero poema de cordel, a sua importante função de engajamento e indignação social.

Como conclusão, faremos uma breve consideração sobre a importância do tema sobre o qual nos propomos a incursionar neste trabalho.

A alfabetização

Para chegarmos à compreensão sobre o significado de alfabetização, primeiramente tentaremos pontuar o Letramento, recorrendo à sua definição contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1988), os quais afirmam que ele é

[...] o produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível

não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas. (p.19)

A partir do entendimento decorrente dessa concepção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo a qual “nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas” (1988:19), podemos crer que, embora os apelos pela leitura e pela escrita sejam diversos e massificantes no universo urbano moderno, que os estímulos para a participação ativa nessas práticas sejam correntes no dia-a-dia, sobretudo pluralizados pela sedução das peças publicitárias, expostas em inúmeros contextos, mesmo para os que não possuem o domínio básico dos signos linguísticos, ou seja, não sejam alfabetizados, o que dizer, então, das práticas exercidas pelos indivíduos situados em camadas sociais, distantes geograficamente, e porque não dizer, sociocultural e economicamente, dos grandes centros, isto é, das sociedades ditas “urbanas modernas”? O que dizer dessas pessoas que não tiveram a mínima condição de oportunidade de acesso ao bem educacional formal primário, a alfabetização, pelo fato de, uma vez despossuídos economicamente, estarem inseridas no universo rural, que não tiveram, ao longo de suas vidas, senão a exclusão social, e a lida diuturna na lavra da terra alheia, enquanto camponeses, para buscar a própria sobrevivência e da sua família?

Diante do exposto, poderíamos, sem uma reflexão mais apurada e com uma visão, no mínimo, reducionista, ponderar que a afirmação dos PCN's sobre o Letramento esteja mais voltada para os sujeitos que circulam nos centros urbanos modernos.

Entretanto, se buscarmos apoio em texto da UNESCO (2003), veremos que os sujeitos, não alfabetizados ainda, que nasceram, cresceram e permanecem nos contextos de áreas rurais, em pequenos povoados distantes de polos urbanos, são contemplados, sim, também, pelos apelos de leitura e escrita circulantes nessas esferas culturais provincianas, nesses espaços agrários nos quais giram um grau mínimo de letramento. O texto da UNESCO apresenta uma nova concepção do que seja alfabetização, a qual não pode estar alheio aos contextos situacionais socioeconômico e cultural da população, uma vez que

[...] as circunstâncias variam bastante no mundo como um todo, de modo que a implementação da alfabetização tem que se adaptar a ambientes rurais, periurbanos e urbanos, à relação com a oralidade e as chamadas culturas 'orais' e à sua relevância para a vida dos agricultores, tanto homens quanto mulheres, e para o setor informal da economia. Os benefícios diretos da alfabetização muitas vezes se manifestam, primeiramente, em termos de fatores intangíveis, como uma maior autoestima, uma mobilidade mais ampla, participação mais intensa na vida comunitária e maior respeito pelas mulheres – fatores esses que são de importância fundamental para as iniciativas locais de combate à pobreza e à impotência. (UNESCO, 2003, apud SCHOTTEN, 2011: 51).

A nosso ver, essa é uma concepção extremamente balizada a partir do conceito de letramento, pois, excede o significado da alfabetização, uma vez que esta é um tipo de letramento – privilegiado, bem o sabemos, sendo o letramento algo muito mais amplo do que a alfabetização. A alfabetização é considerada um tipo de letramento privilegiado por estar situado, contextualizadamente, no espaço educacional institucional, mas, não apenas nesse espaço, visto que esse tipo de letramento está presente,

também, na esfera doméstica, posto que poderá se dar nos contatos diuturnos com entes familiares no mesmo conjunto familiar.

Quanto a isso, Soares (2003 apud SCHOTTEN, 2011, p. 61) nos diz que

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva, [...] se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixadas em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (p. 24)

E, sobre a espinhosa questão do letramento e da alfabetização, que, não poucas vezes, causa impacto de confusão e polêmica até nos educadores profissionais ativos em sala de aula, do Fundamental II e do Ensino Médio, Soares (Ibidem) registra, ainda, que

Um indivíduo alfabetizado não é um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita [...]. Enfim, letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita. (p. 02)

Para instigar mais ainda a nossa percepção ao tema proposto, recorreremos, também, a uma renomada especialista na área, Ângela Kleiman, a qual irá esclarecer possíveis equívocos sobre os conceitos de alfabetização e letramento.

Em entrevista (2010) sobre como enxerga a relação entre os conceitos de

alfabetização e letramento, Kleiman considera que a alfabetização é uma prática de letramento, própria das atividades escolares, com metas e fins específicos, portanto, trata-se de uma prática social situada.

E, em como considera a alfabetização dentro de uma perspectiva social da escrita, em vez da concepção tradicional que trabalha as práticas de leitura e produção textual com ênfase em habilidades individuais, Kleiman afirmou que

Não há incompatibilidade entre a alfabetização e a prática social desde que seja esta última a que determine os objetivos do ensino da língua escrita. O trabalho da alfabetização para a prática social centra-se, naturalmente, nos participantes da vida social, adequando-se aos seus interesses e objetivos – alfabetizar-se para, aos poucos, tornar-se mais autônomo nas situações em que se usa a língua escrita. Ainda, será feita a partir de textos, pois toda atividade social, toda interação se concretiza por meio de textos.

Quanto à questão de levar em consideração a perspectiva sócio-cultural dos estudos do letramento significa deixar de incluir, nas práticas de ensino do código escrito, os métodos de alfabetização, ou seja, as práticas analíticas escolares voltadas para a sistematização do código escrito, a entrevistada respondeu que

De nenhuma maneira. Pelo contrário, o trabalho de análise é necessário na alfabetização. De que outra forma a criança aprenderia a rimar palavras, a brincar com aliterações (por exemplo, buscar palavras que se iniciem com o mesmo som), a soletrar? A diferença está no ponto de partida e de chegada. Na perspectiva do letramento, todos os trabalhos de análise fonológica partem do texto e terminam no texto porque é o texto, e não a letra, a sílaba ou a palavra isolada o que é relevante na prática social, porque o que interessa é que a

criança aprenda a língua escrita – ou seja, ler e escrever textos, não apenas o alfabeto. A criança que trabalha com a palavra “bola” depois de ter discutido uma manchete ou uma legenda, ou uma notícia no jornal sobre a bola que o time perdeu e que lhe custou o jogo é uma criança que terá muito mais elementos onde ancorar os novos símbolos, as famílias de sílabas, enfim, aquilo que o professor achar importante para o trabalho de sistematização e generalização. Assim como a criança que aprende a letra “E” no contexto da placa do sinal de Estacionamento, para dar outro exemplo.

O letramento

Ângela Kleiman (1995), ao discutir o letramento como práticas sociais que envolvem a escrita, mostra que a escola é apenas uma dentre as várias outras agências de letramento de nossa sociedade: igreja, trabalho, família etc. Isso quer dizer, então, que é possível participar de eventos de letramento sem precisamente ter ido à escola. Segundo a autora (Ibidem)

[...] o fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de letramento*, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização. (p. 20)

Dentro dessa concepção, os estudos consideravam a escrita como uma habilidade neutra e homogênea que traria desenvolvimento e benefícios aos que a dominassem. Concepções como esta é que dão origem a crenças como a de que quem sabe ler e escrever pensa melhor, ou a de que quem não lê e escreve não pode ser considerado humano ou não existe.

A palavra letramento, utilizada no Brasil, segundo Rojo (2010) vem do termo “literacy”, que em inglês designa a “capacidade de ler e

escrever” (MICHAELIS), praticada na escola, como o que nós conhecemos por “alfabetização”. Conforme a autora,

[...] foi para reconhecer esta variedade e diversidade de práticas sociais que a reflexão teórica cunhou, nos anos 80, o conceito de letramento. Usado pela primeira vez no Brasil, como uma tradução para a palavra inglesa literacy, no livro de Mary Kato de 1986, No mundo da escrita, o termo “letramento” busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados socialmente, locais (próprios de uma comunidade específica) ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), em grupos sociais e comunidades diversificadas culturalmente. (p. 25-26)

Pode-se perceber, a partir dessas afirmações, que a escrita não é neutra e homogênea como se pressupunha. Ela é heterogênea, plural, diversificada, pois envolve situações as mais variadas possíveis, a partir de uma ampla diversidade de práticas contextualizadas, principalmente, se for levada em conta a sociedade urbana moderna. A partir de observações de práticas variadas de usos da leitura e da escrita, portanto, de práticas letradas em diferentes contextos do cotidiano – comércio, família, religião, escola – a pesquisadora Rojo (2010) considera que

Numa sociedade urbana moderna, as práticas diversificadas de letramento são legião. Podemos dizer que praticamente tudo o que se faz na cidade envolve hoje, de uma ou de outra maneira, a escrita, sejamos alfabetizados ou não. Logo, é possível participar de atividades e práticas letradas sendo analfabeto: analfabetos tomam ônibus, olham os jornais afixados em bancas e retiram dinheiro com cartão magnético. No entanto, para participar de práticas letradas de certas esferas valorizadas, como a escolar, a da

informação impressa, a literária, a burocrática, é necessário não somente ser alfabetizado como também ter desenvolvido níveis mais avançados de alfabetismo. E é justamente participando dessas práticas que se desenvolvem esses níveis avançados de alfabetismo. No entanto, a distribuição dessas práticas valorizadas não é democrática: poucos brasileiros têm acesso ao livro literário, a jornais, a museus e mesmo ao cinema. Por isso é tão importante que a escola se torne uma agência de democratização dos letramentos. (p.26)

Sem dúvida, a escola é o lugar onde se espera que sejam privilegiadas as práticas de leitura e escrita legitimadas socialmente, mas é preciso ter em mente que os alunos chegam até ali já tendo construído alguma relação com a escrita. E, em especial, para o professor de séries iniciais, saber qual é essa relação e partir dela para planejar sua prática faz certamente uma grande diferença para tornar suas aulas mais significativas para os seus estudantes.

Diante disso, ou seja, para que os docentes possam oferecer uma aprendizagem mais viva e eficaz, não pode perder de vista a compreensão de que os estudos de letramento se caracterizam por tirar a atenção do indivíduo e seus processos mentais e se preocupar com a interação e a prática social. Pois, os estudos de letramento são baseados na visão de que ler e escrever só fazem sentido quando estudados no contexto das práticas sociais e culturais dos quais são uma parte. E se alargaram, segundo Kleiman (1995), para descrever as condições de usos da escrita, principalmente enfocando as práticas de letramento de grupos minoritários. Assim, “os estudos já não mais pressupunham efeitos universais do letramento, mas pressupunham que os efeitos estariam correlacionados às práticas sociais e culturais

dos diversos grupos que usavam a escrita” (KLEIMAN, 1995, p.16).

Dessa forma, apesar do forte sentido educacional que obteve nos últimos anos, o conceito de “letramento” surgiu justamente para desvincular os estudos da língua de alfabetização e de desmistificar seus supostos efeitos universais, mostrando os usos da escrita em diferentes contextos, com diferentes objetivos.

A partir disso, nota-se que, apesar do forte apelo pedagógico, “letramento” não é um método de ensino, nem se iguala à alfabetização. Como explica Kleiman (2005), letramento não é um método, interpretação advinda da entrada do conceito no ensino-aprendizagem da escrita. O letramento envolve a imersão no mundo da escrita, a participação em diferentes práticas de letramento, o que pode ser possibilitado por diferentes métodos, por diferentes estratégias. O letramento também não é alfabetização, mas a inclui. A alfabetização é uma prática de letramento que faz parte das práticas sociais de uso da escrita da instituição escola. O letramento também não é uma habilidade, mas envolve um conjunto de habilidades e competências. Em diferentes práticas de letramento – leitura de um jornal, escrita de um bilhete, leitura de um romance, discussão sobre uma notícia – nós utilizamos diferentes habilidades e competências para participar dessas práticas.

Como salienta Kleiman (Ibidem, p. 16), “por isso, ‘ensinar letramento’ é uma expressão no mínimo estranha, pois implica uma ação que ninguém, nem mesmo um especialista, poderia fazer”.

Em entrevista, Angela Kleiman (2009) define “letramento” da seguinte forma:

Refiro-me aos impactos que a língua escrita tem no mundo atual na vida de um cidadão comum. Antes de começar os estudos de letramento no Brasil há quinze anos, sempre se pensava a escrita no âmbito da escola. Agora, estuda-se a escrita de usos escolares, distinguir a múltipla escrita no contexto do movimento hip hop, das associações quilombolas, no contexto de diversos movimentos sociais, no cotidiano. A escrita não se reduz ao ambiente escolar. Pensa-se o uso da escrita todo dia. Caminho pela rua, vejo uma placa para me orientar, uma propaganda. A toda hora, nós nos defrontamos com a língua escrita, e os estudos de letramento procuram averiguar o impacto que isso causa na vida do homem comum.

Para enriquecer a exploração de conceitos e a discussão em torno do letramento, outro renomado especialista entra em cena com suas considerações sempre pertinentes e extremamente oportunas: Marcuschi (2001), quanto à questão do letramento, afirma que

[...] é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, ‘letramentos’. [...] Distribui-se em graus de domínios que vão de um patamar mínimo a um máximo. (p. 21)

Essa afirmação evidencia a extrema importância que as práticas sociais, nas quais acontecem a escrita, trazem aos estudos de letramento. Esses estudos, conduzidos sob uma ótica interpretativa envolvendo a escrita em contextos nos quais essas práticas são comuns, visibiliza a diversidade de letramentos que possibilitam o engajamento dos interlocutores protagonistas dessas práticas sociais e culturais correntes.

Tomando como ponto de partida a definição de letramento no sentido de dar significado a uma prática discursiva de um grupo social específico em uma determinada situação,

cuja implicação não é outra senão a de que há inúmeras práticas de letramento e não apenas uma, Kleiman (1995, p. 19) afirma que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Nesse sentido, as práticas onde ocorrem os letramentos passam pelos condicionamentos efetivos determinados pela utilização da escrita, pelas suas funcionalidades, e sofrem mutações mediante a transformação desses condicionamentos.

Por isso, o letramento é situado (KLEIMAN, 2001) e ideológico (STREET, 1984), no sentido de que é formado por valores e práticas culturais em que está envolvido. Afirmar que o letramento é ideológico quer dizer que os usos da escrita nunca são neutros e descontextualizados.

Os processos de letramento ocorrem em toda a escolarização e em todo uso da língua escrita. Como salienta Kleiman (2007),

[...] leitura e escrita são práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem”. “A concepção de escrita dos estudos do letramento pressupõe que as pessoas e os grupos sociais são heterogêneos e que as diversas atividades entre as pessoas acontecem de modos muito variados. (p.4)

Maria de Lourdes Meireles Matencio (2009, p. 6) destaca que “a contribuição determinante de estudos sobre o letramento resulta de assumirem que se lida, sempre, com práticas – no plural”, na medida em que há sempre a coexistência de múltiplas formas de se produzir sentido pelos “objetos” escritos, que variam segundo o tempo, o espaço institucional,

as circunstâncias, os grupos e os sujeitos que os constituem.

Essa perspectiva dos Estudos de Letramento procura “flagrar e compreender as atividades de leitura e escrita no âmbito das práticas sociais em que ocorrem” (MATENCIO, Ibidem, p.5), o que permite a investigação dos usos efetivos da linguagem, em diferentes grupos e por diferentes sujeitos. Tal compreensão dos usos da língua como sempre situados coaduna-se com a compreensão de que a linguagem nunca se dá no vazio, mas sempre numa situação histórica e social concreta, através da interação.

A partir do exposto, o letramento é melhor compreendido como um conjunto de práticas sociais; estas podem ser inferidas de eventos mediados por textos escritos. Aqui, interessa muito aos professores de língua materna, no sentido de pensarem sobre o trabalho com linguagem na escola a partir das perspectivas aqui anunciadas. Vimos que os enunciados e os textos que se utilizam em salas de aula necessariamente se relacionam de alguma forma a enunciados anteriores já conhecidos ou não pelos alunos, os quais participam de práticas diversas de letramento não só na escola, mas também fora da sala de aula. E cada prática social em que se engaja em diferentes contextos tem valores sociais e efeitos específicos. Por exemplo, no movimento Hip Hop, os *raps* (as letras de música desse estilo), e os *rappers* (os compositores) são extremamente valorizados dentro do movimento e nas comunidades em que esses grupos são prestigiados. Contudo, esses mesmos usos da linguagem dos raps são considerados “errados” em outros contextos, como numa avaliação que parta das regras da gramática normativa do português. Da mesma forma, numa moda de

viola, o “sotaque” caipira do interior paulista é acentuado nas composições e, portanto, não é desprestigiado entre aqueles que compõem e apreciam esse estilo musical, o que pode ser visto de maneira negativa por falantes de outras variedades.

Levar tais questões em consideração é fundamental para que a prática pedagógica se aproxime da realidade dos alunos e possa de fato inseri-los no universo das práticas de letramento de prestígio, permitindo que eles circulem com autonomia pelo mundo da escrita.

Assim, considerar a realidade dos indivíduos com quem lidamos na escola em nossa prática não significa trabalhar simplesmente o já conhecido e não buscar avanços, mas sim partir do que lhes seja familiar para então trazer o novo, o diferente, o que ainda não foi visto, o mais valorizado socialmente, aquilo que irá permitir uma maior possibilidade de ação cidadã por parte de nossos alunos, e expor e discutir as diferenças valorativas em diferentes contextos para os usos da linguagem. Portanto solicitam da escola e da sociedade novas realidades.

Novas realidades sociais provocam a demanda de novas palavras. No Brasil, por exemplo, a necessidade de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização levou a utilização da palavra letramento, aqui entendida como um conjunto de práticas sociais, as quais variam conforme as maneiras e a intensidade com que os grupos sociais e econômicos integram a escrita e a leitura em seu cotidiano.

Esse grau de integração de cada sociedade, nos seus mais variados contextos e situações, consideradas como eventos de letramentos, tem a ver com o lugar que um

desses grupos dá à escrita, porém, não depende da alfabetização.

A esse respeito, podemos refletir que a introdução e a proliferação da escrita produziram uma cultura letrada. Do mesmo modo, por exemplo, como ocorreu com a cultura eletrônica à qual foi dada tamanha importância, a ponto de criar uma nova maneira de escrever, e a quantidade de expressões que nasceu dessa cultura é denominada letramento digital.

As novas tecnologias da escrita têm provocado certa radicalização da escrita, pois a sociedade contemporânea parece ter passado para o plano da escrita. E isso, segundo o pensamento de Kleiman (2005), dá a essa tecnologia um caráter de onipresença, ou seja, de estar presente em todos os lugares.

Por sua vez, ao tratar da questão do indivíduo letrado e do indivíduo alfabetizado, situando-os em contextos de apropriação mínima de práticas da escrita, Marcuschi (2001) afirma que

O letramento envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc. , mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de filosofia e matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. (p. 25)

Essa concepção de letramento constitui um contraponto ao pensamento de que as pessoas analfabetas são cegas, incapazes de pensar, de refletir, de ler e compreender o

mundo. Ocorre que essas pessoas têm consciência do poder da hegemonia da escrita e o lugar que está reservado a quem não a conheceu através da escolarização.

Em sua obra *Alfabetização e Letramento*, Tfouni (1995, p. 10), afirma ser impossível desvincular esses dois termos os quais utiliza para dar título à sua pesquisa. Segundo ela “trata-se de um conjunto, enquanto a escrita é produto cultural por excelência, a alfabetização e o letramento são concebidos como processos de aquisição de um sistema de escrita.”

E como essa radicalização cada vez maior da escrita exige que o indivíduo, para se livrar dos estigmas da exclusão, que lhes são impostas pela sociedade contemporânea, além de ser alfabetizado seja, também, letrado, ou seja, desenvolva a capacidade de participar mais de forma independente dos eventos de letramento, situações mediadas por, digamos, poderosas e, indispensáveis funções da escrita, somente se efetivam por meio de gêneros textuais.

Então, é necessário que a alfabetização se dê na perspectiva do letramento, e isso só possível através do trabalho com textos.

A reafirmação de que os letramentos são práticas letradas em situações sócio-comunicativas, vivenciadas culturalmente por indivíduos, grupos e comunidades específicas, a partir da interação social e humana, pode ser sustentada pelas afirmações da especialista em letramento Rojo (2010), quando diz que

Os novos estudos do letramento definem práticas letradas como “os modos culturais de se utilizar a linguagem escrita com que as pessoas lidam em suas vidas cotidianas”. Práticas de letramento ou letradas são, pois, um conceito que parte de uma visada socioantropológica. Tem-se de

reconhecer que são variáveis em diferentes comunidades e culturas. As práticas de letramento ganham corpo, materializam-se, nos diversos “eventos de letramento” dos quais participamos como indivíduos em nossas comunidades, cotidianamente. (p. 26)

Uma prática de letramento que envolve muitas maneiras de utilização da linguagem, seja escrita ou oralizada, e que tem o seu prestígio no ambiente acadêmico, embora, às vezes, relegado a um segundo plano nas práticas pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio, é o letramento literário.

Entretanto, para falarmos sobre letramento literário, faz-se necessário compreendermos, basicamente, o que seja literatura e quais as suas possíveis funções na sociedade. Para tanto, recorremos a afirmações de estudiosos renomados, que irão elucidar-nos sobre esse universo tão fascinante, o qual nos faz transcender a dura realidade do chão batido em que vivemos, e que nos proporciona a possibilidade de ampliarmos nossos horizontes, a partir de novos olhares, de novos contextos, mesmo condicionados, muitas vezes, ao marasmo do cotidiano provinciano de uma “cidadezinha qualquer”, parafraseando um belíssimo poema de Drummond. Por ser intrinsecamente ligada à realidade vivida do dia-a-dia, pelo ser humano, a literatura nos desperta e nos propõe, no seu âmago, a dimensão lúdica carregada de encanto, permitindo-nos experimentar vivências nunca antes sentidas, removendo os muros da finitude e abrindo novos caminhos de relação conosco mesmos e de inter-relação com os outros, no nosso entorno, e, por que não dizer, uma nova relação com Deus, o Grande Outro, a Entidade do Sagrado que nos envolve infinita e gratuitamente.

Nesse sentido, ao considerar a literatura enquanto mola propulsora de significado e beleza do mundo imanente e de permitir que cada pessoa responda com mais positividade o seu chamamento à plenitude humana, que Todorov (2009 apud FILIPOUSKI e MARCHI, 2009, p. 9) envolto de extrema potencialidade criadora, afirma que

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais; depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação humana. (p. 23-24)

O letramento literário oferece-nos a possibilidade de enxergar a vida de uma forma mais prazerosa e de nos assegurar que há mais em nossa experiência de leitura de mundo do que costumamos conhecer.

Assim, cremos que o letramento literário é uma trilha que se faz a partir da nossa própria experiência cotidiana, enquanto leitores das “letras” do mundo que nos circunda. Como por exemplo, a “leitura metereológica” para um (a) camponês (a) experiente: ao olhar para as nuvens que se avolumam, ele (a) afirma sem receio que elas sinalizam chuvas de trovoadas; uma pessoa que fita a outra e percebe um brilho diferente nos seus olhos, diz estar apaixonada; é essa espantosa multiplicidade, pluralidade e, simultaneamente, a impressionante singularidade de leitura que permeia a nossa

subjetividade. Sobre isso, afirma Cosson (2006), que

[...] a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Os astrólogos lêem as estrelas para preverem o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata. A mãe lê no rosto do bebê a dor ou o prazer. O médico lê a doença na descrição dos sintomas do paciente. O agricultor lê o céu para prevenir-se da chuva. O amante lê nos olhos da amada a traição. Em todos esses gestos está a leitura. (p. 38)

Com essas leituras de mundo, é possível afirmar, também, que o letramento literário é um processo que se constrói, sobretudo, subjetiva e historicamente, a partir de vários eventos sociais. E é na família, por ser o espaço germinal da palavra oralizada, que acontece o primeiro momento de letramento literário: nos contatos com os pais, avós, irmãos(ãs), tios(as); o segundo, ocorre em um contexto mais amplo: na comunidade, em contatos com vizinhos, grupos de amigos e nos eventos culturais. A escola, relativamente, tende a oferecer o terceiro momento de letramento literário. Ela, que é tida pelo sistema educacional vigente como o agente instituído, formal, que deveria disponibilizar momentos proficientes para a ocorrência de eventos de leitura literária, relega-os para segundo e/ou nenhum plano, em detrimento de conhecimentos metalinguísticos e linguísticos textuais, geralmente concentrados na superfície do texto. Nesse sentido, Rangel (2005) pondera que:

[...] Quando a leitura é entendida como uma forma de conhecimento, as idiosincrasias dos sujeitos e as particularidades de cada situação de leitura reduzem-se a um pressuposto, que só será possível encarar depois de suficientemente descritas as competências e habilidades que caracterizam o sujeito leitor, assim

como suas estratégias mais gerais ou básicas. Assim, numa perspectiva como esta, a leitura tende a ser encarada como um funcionamento ou um desempenho particular – porque aplicado a um campo específico – das competências e habilidades gerais que caracterizam o leitor maduro. Quando é a dimensão cultural que interessa, a leitura é, mais que qualquer outra coisa, um reconhecimento individual dos significados e valores culturais historicamente associados ao texto. (p. 129)

Para compreendermos a importância do letramento literário na vida do ser humano, elegemos o gênero literário poema. Este gênero literário, cujo caminho se constrói na transmissão de ideias e sentimentos, na construção de imagens e formas, permite múltiplas leituras e interpretações.

Para ilustrar o poema enquanto experiência de vida e a função social que exerce causando um efeito de indignação social no ser humano, elegemos o poema de cordel “O agregado e o operário”, do poeta cearense Patativa do Assaré (1900-2002) (2005 apud Campedelli & Souza, 2009, p.32), deixando-o para que o leitor deguste a sua leitura e o interprete livremente, uma vez que o poema fala por si mesmo.

O agregado e o operário

Eu procuro defender
No meu modesto poema
Que a santa verdade encerra,
Os camponeses sem terra
Que o céu deste Brasil cobre
E as famílias da cidade
Que sofrem necessidade
Morando num bairro pobre.

Vão no mesmo itinerário
Sofrendo a mesma opressão
Nas cidades o operário
E o camponês no sertão,
Embora um do outro ausente
O que um sente o outro sente
Se queimam na mesma brasa
E vivem na mesma guerra

Os agregados sem terra
E os operários sem casa.
[...]

Considerações finais

Como vimos ao longo dessa exposição conceitual sobre o tema em questão, letramento e alfabetização são termos que, não raro, são confundidos, sobretudo, por aqueles que desconhecem a verdadeira origem desses termos e suas reais consequências sociais, quando não abordados, principalmente, nas escolas, sem a responsabilidade de uma prática pedagógica ancorada em especialistas estudiosos nessa área da linguística.

Vimos, também, que os letramentos são múltiplos e, um deles é o letramento literário, de muita importância em nossas vidas, por força da sua função social.

Na certeza de que tentamos contribuir, não somente com a exposição de conceitos, mas, também, com comentários, embora sucintos, sobre os elementos de discussão: a alfabetização e o letramento, para a ampliação da compreensão desses termos e sua importância social, sobretudo, na prática pedagógica, em sala de aula, junto aos nossos alunos, e também junto aos nossos docentes, que atuam, sofredamente, no ensino-aprendizagem fundamental e médio, este trabalho ganha certa relevância, e, por isso mesmo, quer ser uma espécie de ponto de provocação para futuras e interessantes discussões a respeito do tema abordado.

REFERÊNCIAS

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: contexto, 2006.

FILIPOUSKI, A. M. R. & MARCHI, D. M. **A formação do Leitor jovem: temas e gêneros da literatura.** Erechim, RS: Edelbra, 2009.

KLEIMAN, A. **Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola.** In: _____ (org) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Preciso ensinar o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas, SP: Cefiel, 2005.

_____. (Entrevista disponível em <http://multicienciaonline.blogspot.com/2009/11/escrita-como-uma-pratica-para-vida.html>)

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATÊNCIO, M. L. M. **Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos.** Caleidoscópio. V.7, n.1, p. 5-10, jan/abr 2009.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa, 3º e 4º ciclos.** Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, 1988.

PATATIVA DO ASSARÉ (1900-2002) 2005, apud CAMPEDELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. 2ª ed. Saraiva, 2009.

RANGEL, E. de O. **Letramento Literário e livro didático de língua portuguesa: “Os amores difíceis”.** In: PAIVA, A. et al (org). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro. Belo Horizonte, MG: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2005. p. 129.

ROJO, R. H.. R. **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Secretaria da Educação Básica, 2010. p. 25-26 (Coleção Explorando o Ensino); v. 19.)

SCHOTTEN, N. **Processos de alfabetização.** 2ª ed. Indaial: Uniassevi, 2011.

SOARES, M. **Letramento: como definir, como avaliar, como medir.** In: SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2000 [1995].

VALSECHI, M. C. **Alfabetização e Letramento: Entrevista com Angela Del Carmen Bustos Romero De Kleiman.** In: Educação & Docência, Ano 1, Número – jan/jun de 2010. P. 3 - 5.